

# DO OLHO AFOGADO À LUTA PELA TERRA: NOTAS SOBRE O PENSAMENTO FANONIANO

## FROM THE DROWNED EYE TO THE STRUGGLE FOR THE LAND: NOTES ABOUT FANONIAN THOUGHT

GUILBERT KALLYAN DA SILVA ARAÚJO<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0009-0000-5105-0751>

**RESUMO:** O pensamento fanoniano é notoriamente conhecido por conta de seu caráter político, dada sua radicalidade tanto enquanto crítica à sociedade ocidental, estruturada através de um processo de racialização hierarquizada, quanto na sua formulação de projeto de emancipação do colonizado através do uso da violência revolucionária. Entretanto, seu trabalho não se resume a uma dimensão estritamente político-revolucionária propagandista, possuindo elementos que permitem uma análise aprofundada tanto das condições objetivas da realidade concreta, como também da dimensão subjetiva, especialmente no tocante ao processo de subjetivação do negro colonizado. Nesse sentido, defendo que a obra de Frantz Fanon compõe uma construção contínua que não pode ser desmembrada, necessitando ser vista a partir da mesma complexidade teórica com a qual foi escrita, uma vez que há em seu pensamento, desde a primeira até sua última obra, elementos que são apresentados, revisitados e modificados, funcionando como um fio condutor: o corpo, a liberdade e a violência. Sustento que tais conceitos são presentes em contínuo, mas não configuram uma redução absoluta do pensamento fanoniano. Utilizando, da análise orientada, a busca pela prioridade ontológica do objeto, argumento que as experiências vívidas do autor modificaram tanto a compreensão quanto a apreensão dos três elementos, ao acentuar o caráter de centralidade do colonialismo e do racismo no processo de consolidação de empreendimento capitalista que é a sociedade neoliberal contemporânea. Sustento, assim, que a obra fanoniana dispõe de um timoneiro epistêmico inegociável enquanto tríade de compreensão do sujeito (linguagem, subjetividade e sociedade), no qual há a substituição do modelo ontogênico pelo sociogênico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Colonialismo; Racismo; Sociogênese.

**ABSTRACT:** Fanonian thought is notoriously known due to its political character, given its radicality both as a critique of Western society, structured through a process of hierarchical racialization, and in its formulation of a project for the emancipation of the colonized through the use of revolutionary violence. However, his work is not limited to a strictly propagandist political-revolutionary dimension, having elements that allow, through his writings, an in-depth analysis of both the objective conditions of concrete reality, as well as the subjective dimension, especially with regard to the process of subjectivation of the colonized black people. In this sense, I argue that Frantz Fanon's work makes up a continuous construction that cannot be dismembered, needing to be seen in the same theoretical complexity with which it was written, so that there is, in his thinking, from his first to his last work, the presence of elements that are presented, revisited and modified, functioning as a common thread: the body, freedom and

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGFil – UFPE). Estagiário do Programa de Aperfeiçoamento Didático (PAD) do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Políticas Sociais da Universidade Federal de São Paulo (PPGSSPS – UNIFESP). Bolsista da FACEPE. Contato: [guilbert.araujo@ufpe.br](mailto:guilbert.araujo@ufpe.br). Link do currículo: <http://lattes.cnpq.br/4931501723409501>.

violence. Using an analysis guided by the search for the ontological priority of the object, I argue that the author's vivid experiences modified both the understanding and the apprehension of the three concepts, by accentuating the centrality of colonialism and racism in the process of consolidating the capitalist enterprise that is the contemporary neoliberal society. I therefore maintain that Fanon's work has a non-negotiable epistemic helmsman as a triad of understanding the subject (language, subjectivity and society), where the ontogenic model is replaced by the sociogenic model.

**KEYWORDS:** Colonialism; Racism; Sociogenesis.

### **Introdução: Frantz Omar Fanon, um pensador das encruzilhadas**

Frantz Omar Fanon é um dos mais impactantes nomes do pensamento negro do século XX e segue sendo tão atual quanto nos dias em que caminhou sobre a terra. Por mais que tenha tido uma vida muito breve quando comparado a outros escritores que lhe foram contemporâneos, tendo nascido em 20 de julho de 1925 em Fort-de-France, capital da Martinica<sup>2</sup>, e morrido em 06 de dezembro de 1961, em Bethesda nos Estados Unidos, Fanon deixou uma obra vasta e riquíssima de conteúdos que vertem um olhar crítico sobre a condição do negro e do colonizado, apresentando uma crítica radical ao colonialismo em suas mais variadas formas de realização e implicação<sup>3</sup>. Por conta de sua condição de classe na Martinica, pôde ter acesso à educação formal e à cultura e língua francesas, o que lhe conferiu uma dupla abertura de oportunidades para o direcionamento de sua vida.<sup>4</sup>

Se, por um lado, tal contato com o ensino formal lhe garantiu acesso para investigações profundas nos mais variados campos do conhecimento - algo que é nítido em sua obra, uma vez que seus escritos vertem sombra sobre a fenomenologia, a psicanálise, o existencialismo, o marxismo, a psiquiatria, a política e a teoria crítica<sup>5</sup>, conferindo ao seu pensamento uma robustez teórica invejável - por outro, fez, da formatação do seu pensamento uma prisão para o próprio corpo.

Boa parte dos martinicanos não possuía acesso à educação formal ou à língua francesa, e, uma vez que a maioria falava a marginalizada língua crioula, ter conhecimentos sobre a história francesa e sobretudo sobre a linguagem da metrópole era um importante marcador de diferença dentro da colônia. Sendo ensinados, desde criança, de que os heróis da pátria eram os gauleses, o processo de assimilação à cultura francesa era instaurado desde o berço para fazer

<sup>2</sup> Território ultramarino francês que até os dias atuais segue sendo uma colônia francófona no caribe centro-americano.

<sup>3</sup> Faustino, 2022, 21-44.

<sup>4</sup> Cherki, 2022, p. 33-38.

<sup>5</sup> Faustino, 2022, p. 47-55.

de todo e qualquer martinicano uma corruptela de francês que sonhasse com um lugar outro para se fazer humano; a prisão do corpo era, em termos, a necessidade de se fazer suficientemente francês para não ser lido como um mero antilhano do Caribe.

Tal sentimento de busca pela humanidade através da assimilação era tão forte em Fanon que, em 1944, quando a França foi invadida pela Alemanha Nazista, o jovem Frantz, à época com 19 anos, se alistou na Resistência Francesa para lutar contra a invasão de “sua” pátria; mas, no *front* de batalha, o que ele pôde perceber junto ao branco francês metropolitano foi que sua cor de pele lhe conferia uma barreira ao reconhecimento de igualdade.<sup>6</sup> Por mais que falasse como um francês, pensasse como um francês, agisse e até mesmo se sentisse como tal, havia ainda um elemento que lhe atribuía uma posição de inferioridade frente ao metropolitano. Estes, nomeados por Fanon como os colonizadores que lhe negam a humanidade,<sup>7</sup> seriam os detentores do crivo da interdição colonial. Frente ao colonizador, seu corpo emergiu a partir da cor negra como uma diferença irredutível, um campo de não-ser que faz da negrura uma identidade irrealizável frente à possibilidade de ser visto e percebido como um humano. A Negrura aqui apresentada diz respeito aos arquétipos e estética características da população negra, sendo referida como marcação de diferenciação corporal na qual a epiderme é o principal demarcador de diferença. Como acentua Fanon, “no mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal”,<sup>8</sup> uma vez que sua corporeidade é marcada por uma impossibilidade de autorrealização ao mesmo passo que é circunscrita numa demanda contínua de se tornar um outro para que possa existir, um outro branco, embranquecido, branqueado, europeizado, assimilado.

Antes de poder descer aos próprios infernos, Fanon, enquanto homem negro, foi encerrado na impossibilidade de habilitar a condição humana que é capturada pelo colonizador, de modo que aos olhos do branco, ele era apenas um negro (*nègre*)<sup>9</sup> e, como tal, jamais poderia ser um francês como os outros, que ele próprio enxergava como compatriotas.<sup>10</sup> A divisão, demarcada pela pele, trouxe consigo consequências para o entendimento do jovem Frantz sobre

<sup>6</sup> Faustino, 2022, p.78-79.

<sup>7</sup> Fanon, 2008, p.107.

<sup>8</sup> Fanon, 2008, p.104.

<sup>9</sup> Há uma discussão sobre qual seria a tradução mais fidedigna do termo *nègre* nas diversas línguas; o que entendemos em língua portuguesa como *negro* enquanto antônimo de *branco* estaria mais próximo do *noir* do que do *nègre*, uma vez que este segundo seria mais próximo, quando comparamos com a língua inglesa a partir da inferência de Lewis Gordon (2015), do termo ofensivo *nigger*, que em tradução livre pode ser tanto *crioulo* quanto *preto* sendo colocado de forma pejorativa. Para efeitos de escrita e coesão sintática, utilizaremos a tradução na aproximação do *nègre* como *negro*, uma vez que este termo plasma em conceito a dimensão de essencialização da negrura numa dimensão da zona do não ser, que o destitui da condição de humano e lhe acentua uma configuração de si enquanto um diferente do *branco* que não realiza a própria epiderme e nem o próprio corpo.

<sup>10</sup> Fanon, 2011, p.119-122.

sua existência e também direcionou caminhos pelos quais seus escritos posteriormente prosseguiriam.

Sua participação na guerra lhe conferiu uma medalha de bravura pelo exército francês, o que lhe habilitou, como veterano de guerra, a usufruir das facilidades de inserção no sistema universitário da metrópole francesa. Dessa forma, em 1946, ingressou no curso de odontologia em Paris, onde não durou muito tempo, por não conseguir lidar suficientemente bem com os conflitos étnico-raciais efervescentes tanto na cidade quanto na própria universidade; em uma das cartas que escrevera a seu irmão Joby, Fanon relatou que sua desistência não implicara renúncia, mas que não tinha como permanecer ali por existirem idiotas demais em Paris.<sup>11</sup> Assim, optou por se mudar para Lyon – à época, conhecida por ser uma cidade mais inclusiva e com menos tensões raciais, dada sua tradição operária – para estudar medicina psiquiátrica na *Faculté Mixte de Médecine et de Pharmacie* da Universidade de Lyon, onde se formou com honras em 1951.

Cabe ressaltar que foi durante esse período que Frantz iniciou a construção do que seria o arcabouço teórico de sua futura obra, pois, como acentua Faustino,<sup>12</sup> foi nessa época que Fanon teve contato com o pensamento de acadêmicos renomados e influentes na alta produção intelectual contemporânea e clássica, como Sartre – que viria a escrever o prefácio de um de seus livros, *Os Condenados da Terra* (2022) –, Jaspers, Lacan, Freud, Adler, Marx, Hegel, Nietzsche e, sobretudo, Merleau-Ponty, de quem foi aluno e com quem estabeleceu profundos diálogos em seus escritos psiquiátricos, tanto para discussão da condição dos enfermos quanto da própria atuação na psiquiatria.<sup>13</sup>

A interlocução com um número tão variado de autores e epistemologias trouxe consigo, sobretudo para os leitores de sua obra, um problema quanto a sua apreensão nos meios acadêmicos. Como destaca Faustino,<sup>14</sup> Fanon ficou notadamente conhecido à sombra do prefácio de Sartre ao seu último livro, *Os condenados da terra*, lançado em 1961 e que direcionou o campo de discussão fanoniano reduzindo-o a um teórico da práxis revolucionária. O custo disso foi um duplo movimento: se por um lado Fanon, sobretudo entre as décadas de

<sup>11</sup> Fanon, 2014, p. 43-47.

<sup>12</sup> Faustino, 2018, p. 41-47.

<sup>13</sup> Cabe ressaltar que, em seus escritos psiquiátricos (2020b), Fanon estabeleceu diálogo com uma série de autores para discutir as dimensões do processo de saúde e adoecimento, percepção do que entendemos enquanto loucura e, principalmente, teceu críticas ao modelo médico-psiquiátrico na atenção à saúde dos sujeitos tidos como alienados. É graças a estes diálogos que o que hoje entendemos como Reforma Psiquiátrica foi colocada à frente, muito por conta dos apontamentos levantados por Frantz junto a autores como François Tosquelles, que apontaram de forma crítica o uso político da psiquiatria como ferramenta de controle e dominação do colonizado nas colônias francesas.

<sup>14</sup> Faustino, 2022, p.121-124.

1960 e 1980, era lido a partir da crítica anticolonial que reivindicava a violência revolucionária, por outro houve uma aniquilação dos outros escritos e temas discutidos pelo autor, engendrando, dessa maneira, uma problemática divisão entre um jovem e um velho Fanon. Onde o primeiro seria tido como jovem e imaturo, marcado por uma construção teórica voltada para questões subjetivas e existenciais, fortemente influenciado pela Psicanálise e o Existencialismo, onde se situam as obras *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952), *Alienação e Liberdade* (2015) e *Olho se afoga/Mãos Paralelas* (2020).

Já o segundo, mais maduro, interessado nas questões de classe e da luta pela libertação do terceiro mundo através das insurgências revolucionárias, fortemente influenciado pelo Marxismo e pela Luta Anticolonial, onde se situam as obras *Sociologie d'une révolution* (1959), *Por uma revolução africana* (1964), *Escritos Políticos* (2015) e *Os condenados da terra* (1961). Essa divisão abstrata, como Faustino,<sup>15</sup> constitui um problema por não conseguir pensar o autor enquanto um que não pode ser reduzido a uma determinada caixa epistêmica, visto que, por mais que haja diversas linhas de pensamento que se cruzem em sua obra, não faria sentido reduzir a um lugar específico como ponto central da totalidade de seu pensamento. Do seu primeiro até o último escrito, há presença de elementos que direcionam seu pensamento para uma crítica radical do colonialismo e suas reverberações.

No momento da sua conclusão de curso que houve o que talvez tenha sido o evento que desencadeou toda uma produção voltada para urdidura da palavra<sup>16</sup> na retomada do corpo como fundamento do ser, delimitando as implicações concretas que o processo de racialização, sustentado na hierarquização racial, tinha para a vida tanto das pessoas brancas quanto das pessoas negras. O corpo, como veremos mais à frente, demarcaria não somente a corporeidade enquanto materialidade e campo de afetação, mas, também, lhe conferiria possibilidades distintas de experiências na realidade, sendo responsivo ao imaginário colonial quanto às possibilidades de ser e existir.

Para conclusão do curso, Fanon escreve seu primeiro ensaio, intitulado *Ensaio sobre a desalienação do negro*, que foi sumariamente rejeitado por ser considerado pelos avaliadores como político, militante e apaixonado demais para se configurar como um texto médico. Por mais que o escrito se dispusesse a discutir a dimensão social do sofrimento negro, fazendo

<sup>15</sup> Faustino, 2022, p. 113-160.

<sup>16</sup> Pensar a urdidura da palavra é dispor dos fios que tecem a obra no sentido da construção que visa dar vazão àquilo que é gritante no sujeito; como aponta Jesus (2022), é na palavra que queima que reside o desejo de mudança que é tecido em texto através da reivindicação de um mundo outro. No texto fanoniano, o que urde é a implicação teórica e prática na construção de um projeto de dissolução completa dos mitos racializantes que fazem do Negro um diferente de si e do outro, ao passo que o Branco é postulado como a própria referência do que é ser humano. Em termos, a linha que tece é o anticolonialismo.

discussões profundas com vários campos do conhecimento, sua produção foi considerada como inadequada, e o conceito que desenvolve em seu trabalho, de *sociogenia*, que é tão caro para compreensão de sua obra, foi renegado a uma compreensão de realidade que não era condizente com o padrão estabelecido para apreensão do enfermo na perspectiva médica.<sup>17</sup>

Seu orientador, Jean Dechaume, recomendou que ele reescrevesse sua tese usando como referência uma abordagem psiquiátrica que coubesse nos moldes da academia; é desse pedido que emerge a tese de exercício “*Um caso de doença de Friedreich com delírio de possessão: alterações mentais, modificações de caráter, distúrbios psíquicos e déficit intelectual na heterodegeneração espinocerebelar*”. Por mais que seja um texto de caráter mais psiquiátrico, Fanon ainda levanta a importância da dimensão social para compreensão das afasias mentais geradas por quadros de heterodegeneração.

Apesar desse escrito ter sido considerado suficientemente adequado para o campo psiquiátrico, a ponto de ter lhe conferido nota máxima em avaliação, acabou por ser eclipsado pelo que talvez seja seu escrito mais famoso: o *Ensaio sobre a desalienação do negro* se tornou o que hoje conhecemos como *Pele Negra, Máscaras Brancas*, originalmente publicado como *Peau noire, masques blancs*. A mudança de nome foi sugerida pelo editor da revista *Esprit* Francis Jeanson, que também lhe aconselhou, para esta publicação, modificar a ordem das seções para priorizar no escrito o que era efervescente nos debates de sua época, fazendo o capítulo sobre a linguagem iniciar o livro.<sup>18</sup> Como aponta Faustino,

Em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, o jovem estudante de psiquiatria assume uma perspectiva de encruzilhada ao se apropriar dos clássicos da psicologia, da psicanálise, da filosofia, da sociologia e mesmo da literatura, com o intuito de desvelar as relações entre sociedade e subjetividade, de modo a oferecer subsídios teóricos e práticos para a superação da alienação colonial.<sup>19</sup>

Nesse sentido, o que se apresenta enquanto texto fanoniano é sobretudo da ordem do entrecruzamento entre diversos campos para construção de uma apreensão de mundo, a qual parte da noção de que a dimensão colonial não é uma mera etapa na consolidação do estado capitalista moderno, mas sim, e sobretudo, a condição *sine qua non* de existência da contemporaneidade. A dimensão colonial, reificada enquanto consequência do empreendimento de diferenciação racial, reitera a invenção das raças<sup>20</sup> como fundamento para a exploração das comunidades autóctones das regiões colonizadas pelos europeus como forma

<sup>17</sup> Faustino, 2022, p.47-49.

<sup>18</sup> Faustino, 2018; 2022.

<sup>19</sup> Faustino, 2022, p. 24.

<sup>20</sup> Fanon, 2008; Faustino, 2022.

de consolidação do capitalismo. O que Fanon nos mostra é de como a raça enquanto operador ontológico de diferença é uma invenção colonial, sob a qual a justificativa de diferenciação poderia ser demarcada num signo epidérmico a marca da diferença. Nesse sentido, a construção racializada sob a qual se estrutura a diferenciação racial é fruto de um mito que é imposto através da violência em estado bruto pelo colonizador para com o colono, abarcando as mais diversas dimensões, tanto de ordem objetivas e concretas, quanto subjetivas e simbólicas.

Dessa maneira, o racismo não é apenas uma consequência, mas também um fundamento que atua como alicerce primordial da organização social ocidental.

A encruzilhada na qual o pensamento fanoniano opera faz dele um autor que não somente apreende a realidade tal qual ela se estrutura e se desenvolve, mas também apresenta, a partir de um sociodiagnóstico, possibilidades de mudança, numa possível profilaxia para o problema colonial. O Racismo, como bem pontua Fanon, “é uma chaga da humanidade. Mas é preciso que não nos contentemos com essa frase. É preciso procurar incansavelmente as repercussões do racismo em todos os níveis de sociabilidade”.<sup>21</sup> É justamente para esta chaga que Fanon oferece caminho de profilaxia. Como acentua Rufino,<sup>22</sup> o autor poderia ser encarnado como um velho mestre das tradições africanas, que faz da encruzilhada uma potência para abrir caminhos de possibilidades nos mais diversos campos, e tendo implicações de construção práticas para a vida das populações.

Nesse sentido, o presente artigo busca se debruçar no texto fanoniano em sua completude de obra, mergulhando na poética e na tradição caribenha de pensamento,<sup>23</sup> pensando em como sua construção teórica configura uma totalidade enquanto encruzilhada que não pode ser dissociada entre um jovem Fanon, fenomenólogo, e um velho Fanon, marxista e teórico revolucionário da práxis. O que apresentamos é uma hipótese de como o fanonismo é aberto numa construção de reflexões, partindo de um exorcismo pessoal, e se discorre em desenvolvimento tendo como agente preponderante de modificação das apreensões a sua história vívida. Desde seu primeiro escrito há a presença de elementos que dão direcionamentos para as investigações e elaborações que seriam construídas *a posteriori* de forma mais aprofundada e com maior robustez. Nesse sentido, adotaremos como procedimento metodológico a busca pela prioridade ontológica do objeto,<sup>24</sup> visando apreender os conceitos e temáticas colocadas em pauta por Fanon, e como estas se modificam com o tempo.

---

<sup>21</sup> Fanon, 2018, p.16.

<sup>22</sup> Rufino, 2019, p 276.

<sup>23</sup> Henry, 2000, 68-73.

<sup>24</sup> Lukács, 2013.



Cabe ressaltar que a busca na completude da obra não objetiva reduzir o pensamento de Fanon à sua biografia, uma vez que “não é a biografia de Fanon que nos traz a seus escritos e realizações políticas, mas seus escritos e realizações políticas que nos trazem a sua biografia”.<sup>25</sup> Deste modo, não há possibilidade de redução do autor à sua história vivida, mas sim que se faz uma necessária análise tendo em vista como a dimensão da sua história constitui sua produção dialeticamente. Nesse sentido, este trabalho não dispõe de uma tentativa de enquadre do pensamento fanoniano numa corrente teórica e/ou epistemológica específica, pois não compreendemos que Fanon se apresenta como um debatedor ou herdeiro de algum campo teórico específico, mas sim como um que oferece novos caminhos possíveis para pensarmos a realidade tal qual ela se consolida e estrutura.

### **1 Do *Olho se afoga/Mãos paralelas* até *Os Condenados da Terra*: uma leitura da obra de uma vida**

A apreensão do texto fanoniano, em especial em território brasileiro, é marcada por uma série de tensões quanto à forma de compreensão e sobretudo qual seriam os principais textos que poderiam ser elencados enquanto primordiais do pensamento do martinicano. Como acentua Faustino (2022), a recepção deu-se sobretudo em torno de duas obras que marcariam uma espécie de divisão clarividente entre dois momentos distintos da construção teórica do autor. Se por um lado temos o *Pele negra, máscaras brancas*<sup>26</sup> como um divisor de águas nos estudos da condição do negro assimilado à branquura, com uma análise que trata tanto da dimensão psíquica e existencial quanto das condições históricas e objetivas que circunscrevem o sujeito, do outro temos *Os condenados da terra*,<sup>27</sup> que trata da dimensão da violência como categoria de reivindicação na luta de libertação nacional e, sobretudo, da organização do colonizado frente à colonização na construção de um novo projeto de mundo que abarque a negrura em sua singularidade, sem incorrer nas construções de novos essencialismos.

Essa falsa dicotomia, por vezes acentuada por intelectuais que se dizem leitores e especialistas de Fanon,<sup>28</sup> tratam o texto como se houvesse uma divisão entre um jovem Fanon,

---

<sup>25</sup> Gordon, 2015, p.10.

<sup>26</sup> Fanon, [1952] 2008.

<sup>27</sup> Fanon, [1961] 2022.

<sup>28</sup> Como o próprio Faustino (2022) acentua em dados momentos, a leitura por vezes realizada pelos pretensos especialistas do texto fanoniano em território brasileiro consolidou muito mais uma divisão que atendia aos interesses políticos de determinado grupo do que de discussão e aprofundamentos na obra propriamente dita; as cisões e recortes fizeram de Fanon, no Brasil, um arremedo de leituras e interpretações que fazem nos questionar que Fanon é esse que se discute.



marcadamente fenomenológico e psicanalítico, preocupado com as questões existenciais e subjetivas do negro, e um velho Fanon que estaria preocupado com as questões materiais e de construção de um projeto revolucionário. Nesse âmbito, ambos os lados reivindicam que o *seu* Fanon é o verdadeiro e proeminente em relação ao outro; o que apresentamos nesse texto é uma visão, consoante a Faustino, de que é necessário ler o autor a partir de sua obra, não como uma construção direcionada ao recorte de enquadre, uma vez que é impossível pensar Frantz Fanon sem considerar tanto o Omar quanto o Ibrahim.<sup>29</sup>

### 1.1 Urdidura da palavra: o olho afogado que queima a pele negra

Na introdução do *Pele negra, máscaras brancas* Fanon delimita que aquilo que sucede enquanto construção teórica deveria ter sido escrito anos antes, mas que à época não haveriam condições tanto objetivas quanto subjetivas para que isto fosse possível:

Este livro deveria ter sido escrito há três anos [...], mas então as verdades nos queimavam. Hoje elas podem ser ditas sem excitação. Essas verdades não precisam ser jogadas na cara dos homens. Elas não pretendem entusiasmar. Nós desconfiamos do entusiasmo. Cada vez que o entusiasmo aflorou em algum lugar, anunciou o fogo, a fome, a miséria... E também o desprezo pelo homem.<sup>30</sup>

As verdades das quais Fanon fala por muito tempo ficaram à parte dos debates sobre sua obra. Entretanto, cabe ressaltar que as verdades das quais ele fala são justamente o duplo exorcismo pessoal pelo qual o autor passa nos seus primeiros escritos, ainda durante o período em Paris,<sup>31</sup> quando suas ideias ardiam em meio às discussões sobre a dimensão existencial do sujeito. Nesse momento específico, em meados de 1951, Fanon se via próximo do limite humano da sua capacidade de lidar com as contingências nas quais sua vida seguia mergulhando de cabeça. Cobranças acadêmicas, gravidez não planejada com uma mulher branca com quem não nutria quaisquer vínculos afetivos, as contínuas e sistemáticas dificuldades de relação e inserção no universo branco francófono ao mesmo passo em que se via distante de uma inserção completa dentro do mundo negro, sendo continuamente jogado à experiência da berlinda entre os dois mundos<sup>32</sup>, além de ter que lidar com a pressão de concluir seu curso. Faustino, em *Frantz Fanon: um revolucionário particularmente negro* (2018) e Geismar, em *Frantz Fanon:*

<sup>29</sup> O nome de registro de Fanon, dado por seus pais, é Frantz Omar Fanon, entretanto ele adotou o Ibrahim em detrimento do Omar a partir do contato com a Frente de Libertação Nacional Argelina, tendo, ao final de sua vida, o nome completo de Ibrahim Frantz Fanon (Cherki, 2022; Faustino, 2018).

<sup>30</sup> Fanon, 2008, p. 27.

<sup>31</sup> Fanon, 2014.

<sup>32</sup> Faustino, 2018; Gordon, 2012; Macey, 2000.

*a critical study* (1973), salientam que o processo vivenciado por Fanon, nesse momento, era próximo de algo que um dos filósofos que mais influenciou Fanon descreve em sua obra, Karl Jaspers. Para o existencialista, o ser humano só adquire consciência de seu “eu interior” nas situações limites. Ao final de seu curso, Fanon, como defendem os autores, estava no ápice do que pode ser considerado uma experiência de epítome da existência, o que foi, paradoxalmente, que lhe permitiu concluir as demandas do presente momento.

Os textos escritos por Fanon nesse período são duas obras dramáticas que funcionaram como ensaios de teatro filosófico. *O olho se afoga* e *Mãos paralelas* tratam de questões pretensamente universais e existenciais, sendo sobretudo marcadas pela influência que Fanon tinha de seu professor e amigo Aimé Césaire, como evidencia a presença de trechos notoriamente existencialistas, surrealistas e impressionistas.<sup>33</sup>

Nestes primeiros escritos podemos perceber como o interesse de Fanon era da ordem da resolução de dois conflitos com os quais ele viria a se deparar em futuras escritas. Aqui, o que se apresenta é uma tentativa de dar vazão ao ardor das noções de si para consigo e, não obstante, para com o mundo. O que queimava eram duas perguntas que norteiam ambos os escritos: pode existir, de forma concomitante no mesmo corpo, o branco e o negro enquanto categorias de *Eu*<sup>34</sup> possíveis? E, também, como se realiza e o que significa um projeto de dissolução do mundo para a construção de uma realidade outra?

Em *O olho se afoga*, o que temos é uma disputa entre o ordinário e o absoluto, composta de três personagens – Lucien, o irmão mais novo, François, o irmão mais velho, e Ginette, que é apaixonada por François, mas que Lucien tenta roubar para si – e se desenvolve num único ato composto de cinco cenas, mas que a quarta cena segue perdida. Nesse drama, temos a apresentação de uma questão que será posteriormente central nos escritos fanonianos, que é do questionamento sobre a presença da brancura e da negrura num corpo que é, ao mesmo tempo, marcado pela divisão de si para consigo na exata medida em que há o reconhecimento de ambas as partes como passíveis de incorporação, mas que uma se sobrepõe a outra como forma última de ser e existir, de modo que o desejo por um lugar outro não somente demarca como direciona a escolha pessoal.

Os personagens apresentam em sua constituição nítidas referências ao que está em jogo para o autor, de modo que a ausência de descrição racial dos personagens faz destes alegorias

<sup>33</sup> Fanon, 2020a, p. 139.

<sup>34</sup> O *Eu* em questão é a dimensão do sujeito em sua corporeidade dotada de uma noção de si para com o mundo; não apenas um que se faz na história, mas um que se reconhece como um que é percebido a partir de si na relação com o outro.

sobre Negritude e Branquitude, tendo como objetivo final a aceitação de um corpo que possa circunscrever a si a partir de uma destas categorias. Em termos práticos, negrura e brancura não constituem categorias absolutas em dicotomia, sendo estas dependentes entre si para que possam existir, mas que para o então jovem Fanon só poderia existir uma delas como categoria última. Se temos Lucien como um marcador da negrura, impotente frente à brancura, mas desejante da condição de humano, do outro temos François como uma ambivalência que pode ser tanto negro quanto branco, dependendo do lugar de percepção que se parte para observá-lo.<sup>35</sup> Já Ginette é passiva em relação a ambos, sendo descrita com "cor de gotas de chuva",<sup>36</sup> transparente e sem cor, refletindo apenas as cores de quem está próximo. Nesse sentido, o objeto de desejo de ambos os irmãos é a própria vida, que não é um objeto *per si*, mas circunscrito e percebido na relação e constituição do sujeito em relação aos outros e ao mundo.

Dessa forma, a conclusão do drama, em que Ginette rejeita Lucien e François, mas aceita o segundo na sua dimensão de estruturação de sua existência, faz deste o momento resolutivo da questão levantada inicialmente por Frantz. Não há possibilidade de coexistência entre a negrura e a brancura no mesmo corpo se estas forem tidas como categorias absolutas antagônicas entre si, mas é possível aceitar a parte de ambas que se faz presente na sombra do outro sem que se faça essencialmente um ou o outro. Tal resolução, que se direciona para uma aproximação da fenomenologia na negritude, aponta Fanon para uma inquietação que será melhor desenvolvida no *Pele negra, máscaras brancas*: o que é ser negro frente a impossibilidade de dispor plenamente do próprio corpo?

Já em *Mãos Paralelas*, peça escrita em quatro atos e estruturada aos moldes das clássicas tragédias gregas e tem Épithalos como personagem central, temos uma discussão sobre a dimensão da busca pela realização de si através da modificação do mundo a partir de suas vontades. Nessa obra, essa busca é desenvolvida através da evocação da linguagem enquanto objeto de modificação da realidade, onde Fanon traz para a cena a forma como a palavra pode alterar o real ao funcionar como ato de criação. O enredo diz respeito à tentativa de Épithalos de salvar a ilha de Lesbos da possível destruição realizando um parricídio, o qual seria um ato revolucionário de reivindicação do poder para si como forma de estabelecimento de uma nova ordem social sob seu domínio. Épithalos tenta transformar sua vontade em concretude através da palavra de afirmação de si como instaurador de um novo poder, mas que ao final da peça não há correspondência dos moradores da ilha para com a sua imposição, fazendo de seu ato uma tentativa reacionária de modificação da realidade a partir da própria vontade.

<sup>35</sup> Curiosamente Lucien é descrito mais à frente como sendo "gota de Sol" (Fanon, 2020a, p.118).

<sup>36</sup> Fanon, 2020a, p. 75.

O ensaio filosófico aqui posto é da ordem da discussão da centralidade da liberdade na construção de um novo mundo, de modo que esta não se faz real pelo simples fato de ser anunciada nas palavras de um tirano que reivindica para si o poder, mas que só poderia existir a partir da construção coletivizada de um novo mundo. A questão que é aberta nesta peça é de como a revolução de um não é, necessariamente, a consolidação de um processo que visa modificar a realidade para coletivização das benesses do mundo. Em outros termos, a revolução que parte do desejo individual não passaria de reacionarismo e imposição, sendo impossível de ser consolidada, por mais que seja anunciada, como nova organização do mundo.

Em *Mãos paralelas*, Fanon dá início ao processo de compreensão da organização social como preponderante para construção de um mundo novo, deixando a questão para ser resolvida ao final de seus escritos: pode a revolução de um ser suficiente para abarcar os anseios de uma nação? Tal ponto aberto é melhor explorado a partir do *Pele negra, máscaras brancas*, quando Fanon discute a dimensão do problema colonial para as pessoas negras, mas sobretudo – no que ficou conhecido a partir da compilação de escritos para a língua portuguesa – nos *Escritos Políticos* e em *Por uma revolução Africana*, além do *L'an V de la Révolution Algérienne*, e sobretudo em *Os condenados da terra*, onde a questão central é justamente da ordem da construção de um processo revolucionário que se utilize da violência como ferramenta de libertação, atestando a falência da linguagem em relação a concretude do mundo.

## 2 Caminhos de apreensão conceitual da obra: timoneiro fanoniano

O que percebemos é que a construção de uma espécie de timoneiro conceitual que é inaugurado a partir do exercício de exorcismo pessoal através da escrita de ensaios existencialistas acerca da condição humana. É possível identificar, nesse sentido, que há a abertura, enquanto debate, de pelo menos três questões que serão centrais nas discussões posteriormente estabelecidas pelo autor ao longo de toda sua produção intelectual: 1. O **sujeito**, em discussões sobre corpo e subjetividade, abarcando a dimensão ontológica do ser e do reconhecimento; 2. A **linguagem** enquanto fundamento de constituição do sujeito numa determinada sociedade, podendo ser tanto constitutiva de um processo de diferenciação enquanto auto-reivindicação quanto de imposição da norma colonial; e, por fim, 3. A **violência** enquanto forma de constituição da realidade na qual o sujeito se desenvolve, ao mesmo tempo que pode ser apreendida enquanto ferramenta de emancipação. Nessa tríade reside a continuidade do pensamento fanoniano.

## 2.1 Corpo

A discussão da dimensão corpórea no texto fanoniano renderia *per si* todo um campo de trabalho investigativo, dada sua amplitude de formatação enquanto construção e complexidade de elaboração, uma vez que, para Fanon, a dimensão corpórea é campo epifenômeno de forma e apreensão: por um lado, temos a construção do corpo negro enquanto uma formatação de si que é enraigado num processo de diferenciação completo, onde o desenvolvimento psíquico do negro é circunscrito numa negação do próprio corpo como forma de direcioná-lo para uma fantasia extracorpórea;<sup>37</sup> por outro, temos uma compleição corpórea que cria “[...] abaixo do esquema corporal, um esquema histórico-racial”,<sup>38</sup> acentuando que o corpo, para Fanon, se constitui para além da corporeidade, sendo ele concomitantemente reduto da experiência individual e da experiência social.<sup>39</sup> Nos centraremos nesta seção em torno da discussão do corpo negro a partir do processo de assimilação, trazendo à tona como este é cindido e outrificado.

A abertura que Fanon dá em *Olho se afoga*, na discussão entre a brancura e a negrura constituindo o mesmo sujeito, é reaberta e aprofundada já na introdução de *Pele negra, máscaras brancas*, onde é pontuado que há

[...] uma zona de não-ser, uma região extraordinariamente estéril e árida, uma rampa essencialmente despojada, onde um autêntico ressurgimento pode acontecer. A maioria dos negros não desfruta do benefício de realizar esta descida aos verdadeiros Infernos. [...] O negro quer ser branco. O branco incita-se a assumir a condição de ser humano.<sup>40</sup>

O que faria do negro uma corruptela de humano, na qual há a presença, duplamente, de duas categorias ontológicas mutuamente excludentes,<sup>41</sup> mas que uma delas se sobrepõe enquanto uma imposição violenta da ordem colonial que demanda do negro uma negação da sua condição de sujeito para que se torne pretensamente humano a partir do crivo do colonizador.<sup>42</sup> A análise de Fanon sobre o imaginário martinicano destaca que, em última instância, o que está sendo imposto é a própria "condição de negro". Esse é o panorama geral.

<sup>37</sup> Gordon, 2015, p. 24-26.

<sup>38</sup> Fanon, 2008, p. 105.

<sup>39</sup> A questão aqui colocada diz respeito a um debate mais amplo sobre a dimensão da experiência individual que é sobredeterminada num entrelace entre as dimensões do universal, particular e singular, sendo o sujeito, dotado de um corpo que experiencia o mundo dialeticamente, um que se constitui enquanto multifatorial em sua estruturação. Para maiores aprofundamentos ver *Universal, particular e singular: Psicanálise e Política* (2019), de Andréa Guerra.

<sup>40</sup> Fanon, 2008, p. 26-27.

<sup>41</sup> Fanon, 2022.

<sup>42</sup> Fanon, 2008.

A falta de reconhecimento dessa condição pode surgir como um efeito colateral na psique do colonizado, que precisa se ver de forma positiva, identificando-se como branco. A expressão "condição de negro" aparece em *Pele Negra* precisamente no contexto de um comentário sobre como o martinicano se imagina como branco, algo que tende a se desfazer, mas nem sempre se desfaz, nos momentos de contato com o olhar mais violento do europeu. A política francesa visava a formação de um grupo social distinto do restante das pessoas colonizadas, grupo este que passaria por um processo de aculturação necessário para a assimilação, sendo incentivado a se ver mais como francês do que qualquer outra coisa. Esse desejo de assimilação também se manifestava no colonizado, que desejava incorporar o que lhe era apresentado como superior e propriamente humano. Em ambos os casos, a assimilação é uma ilusão: as pessoas nunca abandonam, de fato, a condição de negro.

A zona do não-ser é o aprofundamento da abertura, pois se o negro, a partir do sociodiagnóstico tecido no *Pele negra, máscaras brancas*, “é simbolicamente reduzido ao próprio corpo”,<sup>43</sup> sua corporeidade seria marcada por uma configuração expressamente negativa. O esquema corporal, nesse sentido, seria correspondente a um processo violento de imposição da assimilação da negrura à brancura, onde há a delimitação enquanto redução plena do negro à sua negrura, ao seu corpo.<sup>44</sup> Cabe salientar que os processos de assimilação sempre acabam por esbarrar na imposição da clausura racial, sendo inúteis as tentativas de tentar tornar-se humano através da assimilação enquanto caminho possível de tornar-se um Eu, visto que, como salienta Fanon, a condição de negro enquanto um inferiorizado é uma imposição colonial.

A anteposição brancura/negrura é pontuada numa redução correspondente ao dualismo cartesiano, onde o corpo deve ser dominado pela razão, pois seria a razão, enquanto *res cogitans*, que expressaria a verdadeira humanidade do ser, e não a *res extensa*, pontuada como dimensão natural animalesca do ser. Por mais que a razão seja própria do humano, a sua leitura de um pretense corpo humano universal é da ordem da crítica, pois ele aponta a construção racista que abre a modernidade num projeto violento de diferenciação,<sup>45</sup> no qual o sujeito universal é sempre o branco europeu.<sup>46</sup>

O projeto de constituição do eu-Negro<sup>47</sup> é, nesses termos, da ordem do estabelecimento de um triplo processo de diferenciação, sendo aqui colocado enquanto *outrificação*, esta é

<sup>43</sup> Faustino, 2022, p. 71.

<sup>44</sup> Faustino, 2022, p. 71-73.

<sup>45</sup> Araújo e Chesman, 2023.

<sup>46</sup> Fanon, 2008; 2011; 2020b; 2022.

<sup>47</sup> Existe uma diferenciação entre a dimensão de reconhecimento ontológico na expressa divisão entre as categorias de *branco* e *negro* em relação a sua potencialidade de existência para além da corporeidade, onde há a discriminação entre um *Eu-branco* e um *eu-Negro*; em termos gerais, o branco possui capacidade de exercer a

correspondente às dinâmicas de *assimilação*, *epidermização* e à instauração de um *duplo-narcisismo*.

A assimilação, em termos fanonianos, diz respeito ao duplo movimento de diferenciação plena pelo qual o negro é demandado a perpassar como forma de atingir um grau de humanidade: por um lado, negação do próprio corpo em sua negrura e, por outro, a reivindicação de uma fantasmagoria branca como forma de aquisição de humanidade; como bem acentua

[...] o grupo social racializado tenta imitar o opressor e com isso desracializar-se. A raça inferior nega-se como raça diferente. Partilha com a “raça superior” as convicções, as doutrinas, e tudo o que lhe diz respeito. [...] Esse acontecimento, comumente designado por alienação, é naturalmente muito importante. Encontramo-lo nos textos oficiais sob o nome de assimilação.<sup>48</sup>

O processo é demandante de uma negação daquilo que aproximaria o sujeito de uma condição negativante da sua existência, distanciando-o de sua própria condição de negro, fazendo da idealização branca a escapatória para que possa existir.<sup>49</sup> Assimilar tem que ver com alienar o sujeito do próprio corpo, cabendo ressaltar que, como acentua Faustino, para Fanon a alienação

[...] não se resumia ao plano do conhecimento, tratando-se de uma perda objetiva de si ou da capacidade – implicada em situações concretas – de efetivar-se, individual ou coletivamente, como sujeito [...]. A negrura – ou aquilo que se entende por negro [*nègre*] e o conjunto de fantasias coloniais relacionadas – passa a ser tomada como atributo maldito e inato com base no qual o colonizado é definido e, em contraponto, o branco é afirmado como expressão do ser humano universal.<sup>50</sup>

De modo que o processo de epidermização, que circunscreve o negro na negrura arquitetada numa configuração negativada, ocorre de forma concomitante à assimilação; o projeto alienante do colonialismo é fazer do negro um alienado do próprio corpo, que só seria humano na medida em que fizesse da brancura seu horizonte existencial.<sup>51</sup> A cisão, nesses termos, faz do esquema corporal do negro um que existe na imposição de uma trama que o

---

dimensão do ser numa pretensa abstração de humanidade autor reivindicada que o habilita a ser para além do corpo enquanto marcador de diferença encerrante, ao mesmo passo que o negro se apresenta não como um ser para si, mas como um corpo marcadamente diferenciado que só existe a partir deste enquanto delimitador de suas potencialidades e história. Para maiores aprofundamentos ver Jesus, A. S. D. *Notas sobre a atualidade da ferida colonial*. Recife: Titivillus, 2022.

<sup>48</sup> Fanon, 2018, p. 20-21.

<sup>49</sup> Fanon, 2008.

<sup>50</sup> Faustino, 2022, p. 25.

<sup>51</sup> Gordon, 2015.



destitui da possibilidade de realização plena do próprio corpo, instaurando um duplo-narcisismo,<sup>52</sup> que faz da negrura uma impossibilidade ao mesmo passo que torna a brancura um lugar desejante. Dessa forma, o que é aberto por Fanon é uma noção de sujeito na qual o corpo seria reduto de uma experiência outrificante, que demanda uma modificação da realidade para que possa ser retomado em sua singularidade sem que incorra numa construção de um novo essencialismo,<sup>53</sup> e de modo que a corporeidade seria marcada, sobretudo, pela diferença. O projeto de apreensão de corpo estabelecido por Fanon é posto enquanto abertura pela diferença, e encerramento através da retomada de si na luta pela construção de um mundo outro.

## 2.2 Linguagem

O que é aberto enquanto discussão em *Mãos paralelas* é uma discussão sobre o papel da linguagem como constituinte não somente do sujeito, mas também da própria realidade concreta que o circunda. Ao dar particular centralidade à linguagem como condição de estruturação da realidade, muito por conta de suas influências à época de escrita, Fanon tenta trazer à tona como esta se dá num processo tanto de constituição do sujeito quanto do seu entorno. Entretanto, já nas incursões de exorcismo pessoal percebe que esta não possui caráter de modificação do mundo, que pode funcionar tanto como aparato de aquisição da cultura enquanto objeto de inserção do sujeito na sociedade, quanto como forma de dominação.

Em *Pele negra, máscaras brancas*, Fanon dá ênfase à forma organizativa da linguagem em torno destes dois processos que são concomitantes:

Atribuímos uma importância fundamental ao fenômeno da linguagem. É por esta razão que julgamos necessário este estudo, que pode nos fornecer um dos elementos de compreensão da dimensão para-o-outro do homem de cor. Uma vez que falar é existir absolutamente para o outro. O negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco. Um negro comporta-se diferentemente com o branco e com outro negro. Não há dúvida de que esta cissiparidade é uma consequência direta da aventura colonial... E ninguém pensa em contestar que ela alimenta sua veia principal no coração das diversas teorias que fizeram do negro o meio do caminho no desenvolvimento do macaco até o homem. São evidências objetivas que dão conta da realidade.<sup>54</sup>

Num primeiro momento, o que se percebe é como esta possui um caráter de demarcação da existência do sujeito na colônia frente aos seus pares. Se a dimensão de estruturação do Eu enquanto esquema corporal é da ordem da assimilação enquanto processo de outrificação, a

---

<sup>52</sup> Fanon, 2008, p. 27.

<sup>53</sup> Fanon, 2022.

<sup>54</sup> Fanon, 2008, p. 33.

linguagem possui papel central na trama de aquisição da brancura enquanto marcadora da diferenciação do negro para com o seu próprio corpo ao direcionar-se à fantasia imposta pela violência colonial – há a subtração da língua constitutiva de sua cultura, pois esta é imposta numa zona de inferioridade que faria dos falantes seres inferiores frente ao metropolitano. Uma vez que “quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva [...], quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será [...]”,<sup>55</sup> o que habilita o negro a se tornar humano seria quanto mais próximo este estaria da idealização corpóreo-lexical que é imposta pelo colonizador.

Além do papel de passagem para a idealização de humanidade com o qual tem que conviver cotidianamente, algo que se mostra errôneo quando pensado em termos de dinâmica de reconhecimento, já que o processo de direcionamento à brancura como condição de se fazer sujeito é rejeitado pelo branco. O dupli-narcisismo, assim, plasma em sua formatação uma constituição fantasmagórica de indivíduo sem reconhecimento da humanidade na devolutiva. A linguagem também possui caráter de ferramenta de dominação colonial. A imposição de uma forma constitutiva especificada faz com que haja a estratificação dos sujeitos quanto a possibilidade de acesso a uma condição de humano, sendo a língua a demarcadora da diferença. A discussão da relação entre a língua do colonizado e a pretensa superioridade da linguagem do colonizador, como vemos na citação abaixo, é exposta por Fanon ao evidenciar a forma como a exigência de uma performance linguística que retire do colonizado a possibilidade de exercer sua cosmologia seria uma violência, uma vez que

Responder em *petit-nègre* é enclausurar o negro, é perpetuar uma situação de conflito onde o branco infesta o negro com corpos estranhos extremamente tóxicos. Nada de mais sensacional do que um negro que se exprime corretamente, pois, na verdade, ele assume o mundo branco. Às vezes nos acontece conversar com estudantes de origem estrangeira que falam mal o francês: o pequeno *Crusoé*, aliás, *Próspero*, fica então à vontade: explica, informa, comenta, dá lições. Com o negro civilizado a estupefação chega ao cúmulo, pois ele está perfeitamente adaptado. Com ele o jogo não é mais possível, é uma perfeita réplica do branco.<sup>56</sup>

Fanon deixa evidente como o jogo da assimilação desenvolve uma dinâmica sob a qual o negro é colocado numa encruzilhada frente ao branco. Ao assumir o mundo branco, o negro não está somente reivindicando a humanidade através da linguagem, mas também, de reivindicar para si o peso de uma cultura sob a qual foi ensinado a desejar para que, ao tentar tornar-se branco, poderia vir a ser um humano. Dessa forma, acentua a assimilação da fala da

<sup>55</sup> Fanon, 2008, p. 34.

<sup>56</sup> Fanon, 2008, p. 48.

metrópole como ambivalente, uma vez que se por um lado o Negro assume caráter de maior humanidade, aos olhos do colono, ao falar a língua imposta, fazendo-o um que se habilita a ser potencialmente reconhecido numa possível humanização, por outro, há a constituição em seu âmago uma sensação nauseante de não pertencimento à própria carne.<sup>57</sup> A ferramenta de dominação linguística não é apenas de ordem existencial, mas também pode ser operacionalizada medicamente, fazendo desta um instrumento para exercício da soberania.

Em *Alienação e liberdade* (2020), compilado dos escritos psiquiátricos, podemos perceber como a linguagem possui papel central na imposição da dominação colonial em sua relação com a dimensão médica. Ao acentuar as dificuldades de condução socioterapêutica de casos de homens muçulmanos, Fanon demonstra como a atitude do sujeito colonizado perante a língua imposta nem sempre é da ordem da incorporação, mas pode emergir também enquanto resistência profunda a aceitá-la, uma vez que esta seria a representação da voz da superioridade frente à condição subalterna na qual o colonizado se encontra.<sup>58</sup> Fazendo referência a Merleau-Ponty, Fanon pontua como falar uma língua é sustentar o peso de uma cultura,<sup>59</sup> de modo que o exercer do cuidado pode ser interpelado por uma situação onde o colonizado oferece resistência a língua do dominador.

Outra consequência da relação entre linguagem e dominação pode ser percebida na forma como a metrópole impõe à colônia um regime de austeridade completo, operando como totalização da diferenciação a partir do racismo como pressuposto de organização política e social. Como afirma Fanon em *Racismo e Cultura* (2018)

[...] o racismo não é uma descoberta acidental. Não é um elemento escondido, dissimulado. Não se exigem esforços sobre-humanos para o pôr em evidência. O racismo entra pelos olhos dentro precisamente porque se insere num conjunto caracterizado: o da exploração desavergonhada de um grupo de homens por outro que chegou a um estágio de desenvolvimento técnico superior. É por isso que, na maioria das vezes, a opressão militar e econômica precede, possibilita e legitima o racismo.<sup>60</sup>

Uma das saídas encontradas por Fanon e pela FLN (Frente de Libertação Nacional) como resposta à dominação era da mobilização das massas para luta anticolonial, entretanto, havia uma barreira linguística que impossibilitava sua construção objetiva. Por conta do imperialismo francês, boa parte da Argélia na época era analfabeta, de modo que a tentativa de agitação e propaganda com ampla utilização de jornais se mostrou ineficaz. A situação colonial

---

<sup>57</sup> Fanon, 2008.

<sup>58</sup> Fanon, 2020b.

<sup>59</sup> Fanon, 2020b, p.189.

<sup>60</sup> Fanon, 2018, p.19.

demandava uma incorporação de outra ferramenta para mobilização, na qual o rádio atuou como ator central, uma vez que podia romper a barreira do analfabetismo.<sup>61</sup>

A linguagem como barreira de mobilização foi utilizada pelo projeto ultracolonial francês como ferramenta de desmobilização, demandando organização interna para reconfiguração de articulação da luta de construção de um mundo outro; nessa relação, a linguagem pode não constituir, sozinha, um novo mundo, mas é utilizando-a como instrumento de luta que pode se construir um mundo outro. Em *Os condenados da terra*, a linguagem é perpassada pela abertura de uma construção que plasma concomitante o papel desta tanto enquanto mobilizadora social quanto de constituição do sujeito, mas com um elemento agora radicalizado a partir do lugar de inferiorizado: a violência como linguagem de resposta frente ao imperialismo.

## 2.3 Violência

A violência foi o tema pelo qual Fanon ficou notoriamente conhecido nas leituras ocidentais, especialmente por conta da recepção da introdução escrita por Jean Paul Sartre para *Os condenados da terra* que, muitas vezes de forma injusta, fez a obra ser apontada como essencializadora e, sobretudo, apologista da violência,<sup>62</sup> algo que não se sustenta quando vertemos olhar para o texto fanoniano. Em *Olho se afoga/Mãos paralelas*, como visto, a violência que se abre é da ordem da tentativa de imposição de uma nova ordem social a partir da tomada de poder por um déspota que, através do parricídio, tentava reivindicar para si a missão de construção de uma realidade outra a partir de seus desejos e vontades de imposição de um modelo político que, em sua visão, seria benéfico para todos. Como o próprio Fanon conclui na peça, a tomada do poder por um para construção imposta para os outros não configuraria uma revolução, mas sim uma tirania reacionária. O que Fanon percebe, a partir de então, é que a violência é chave de compreensão do mundo a partir de uma outra ótica, do colonialismo como condição estruturante da diferenciação dos povos, tendo no racismo sua base.<sup>63</sup>

---

<sup>61</sup> Fanon, 2021a; 2021b.

<sup>62</sup> Hanna Arendt, em *Sobre a violência* (1970), criticou ferozmente o texto fanoniano por conta de seu caráter revolucionário e de apontamento da violência como forma de luta emancipatória do colonizado, de modo que, para ela, uma construção política que se baseia no uso da violência como ferramenta de construção seria fadada a um apologismo cego e contraproducente, pois esvaziaria o debate político sereno e diplomático. O que é curioso é que, para a autora, o imperialismo britânico, que se utilizava da violência como imposição da dominação, não configurava um esvaziamento do debate político, fazia parte, apenas, do jogo político britânico.

<sup>63</sup> Fanon, 1968; 2008; 2021a; 2022.

O que se percebe, então, é como Fanon identifica na violência uma dupla função a partir da forma como essa é operacionalizada dentro da relação colonial, se apresentando, inicialmente, como forma simbólica – através da linguagem e na relação do reconhecimento e interdição do sujeito no processo de outrificação – e como forma concreta – através da imposição da dominação violenta pela força dos fuzis.<sup>64</sup> Esse duplo processo instaura um estado de terror<sup>65</sup> no qual a realização do colonizado frente à situação colonial só pode ser respondida, enquanto forma de resistência ontológica do eu-Negro, através da devolutiva daquilo que o colonizador compreende como linguagem única de diálogo: a violência. O pessimismo aberto em *O olho se afoga/Mãos Paralelas* é reivindicado e continuado em *Pele negras, máscaras brancas* e em sua visão médico-psiquiátrica sobre os processos de alienação do negro, mas que, a partir do sociodiagnóstico, passa por uma mudança de perspectiva e assume caráter de construção de uma nova realidade através da tomada da luta anticolonial como direcionador da implicação dos sujeitos para com o mundo, algo perceptível sobretudo em *Os condenados da terra*. A aposta de Fanon<sup>66</sup> nas lutas de libertação da qual ele fez parte aponta como, em seu pensamento, a violência não é um campo dado ou dissociado do jogo político, mas sim a causa última que necessita ser tomada na radicalidade para construção coletiva do processo emancipatório.

Essa vontade firme de levar os últimos para o início da fila, de fazê-los galgar [...] os escalões que definem uma sociedade organizada, só poderá triunfar se todos os meios forem colocados na balança, inclusive, é claro, a violência. [...] O colonizado que decide pôr em prática esse programa, converter-se em seu motor, está preparado o tempo todo para violência. Desde seu nascimento, está claro para ele que aquele mundo estreito, repleto de proibições, só pode ser reformulado pela violência absoluta.<sup>67</sup>

A violência aparece não como um fetichismo espontaneísta, mas como saída última de uma situação encerrante da possibilidade de ser sujeito. O projeto, dessa forma, é da ordem da construção de uma nova humanidade: “essa nova humanidade [...] não pode deixar de definir um novo humanismo”.<sup>68</sup> Isto aponta para uma construção de realidade que utiliza da violência como ferramenta de destruição da máquina imperialista. Assim, a violência, não seria uma categoria execrável, mas sim reivindicável. Se inicialmente a violência aparece como uma imposição que instaura um estado de diferenciação, ao final de sua obra ela se torna a chave da

---

<sup>64</sup> Fanon, 2022.

<sup>65</sup> Fanon, 2021b.

<sup>66</sup> Faustino, 2022.

<sup>67</sup> Fanon, 2022, p. 33.

<sup>68</sup> Fanon, 2022, p. 247.

emancipação; do encerramento racializado à revolução armada, o texto fanoniano emana um projeto de destruição absoluta pois, como ele bem acentua, “a descolonização, que se propõe transformar a ordem do mundo, é um programa de desordem absoluta”<sup>69</sup> que não ocorrerá sem que seja tomada a radicalidade do que tal projeto demanda e implica, tanto pela renúncia aos essencialismos das categorias *branco* e *negro*,<sup>70</sup> quanto da compreensão da situação colonial.<sup>71</sup> Em todos os casos, a saída apontada é a luta coletiva rumo à dissolução.

### Conclusões

O mergulho no texto fanoniano demanda um esforço específico do leitor: entender que sua biografia está entrelaçada com seus escritos, mas que isto não constitui uma redução à ontologia como determinadora do seu pensamento. O que se abre enquanto exorcismo pessoal nos manuscritos de teatro filosófico, ainda em sua juventude, amadurece em conjunto com o autor com o passar de sua vida e das novas construções nas quais ele se implica. Nesse sentido, conferimos ao autor uma leitura que se dê a partir de si, não de uma tentativa de enquadrar num determinado campo epistêmico. Percebemos, ao final deste escrito, como a obra fanoniana não pode ser lida como dividida entre a fenomenologia e o materialismo histórico dialético, pois em seus textos há uma permanência de temas que se atualizam. A díade jovem/velho Fanon, como se Omar e Ibrahim fossem mutuamente excludentes, não se sustenta frente ao exame de sua produção. Enquanto houver uma organização social que se sustenta no capitalismo, na expropriação do homem pelo homem, tendo no racismo o seu fundamento de constituição, a obra de Fanon seguirá viva, ardendo em palavra e prática; a sociogênese, enquanto projeto de apreensão e diagnóstico amplo da realidade concreta, segue sendo atual. Concluimos, portanto, que a tríade entre corpo, linguagem e violência é apresentada em exorcismo pessoal e reaparece enquanto temática de discussão ao longo dos variados escritos, configurando totalidade à obra; além disso, podemos perceber como a maioria das questões levantadas neste artigo habilitam uma abertura para maiores discussões futuras em outros trabalhos.<sup>72</sup>

---

<sup>69</sup> Fanon, 2022, p. 32.

<sup>70</sup> Fanon, 2008.

<sup>71</sup> Fanon, 2022.

<sup>72</sup> Este escrito, por se tratar de um recorte de dissertação de mestrado intitulada *Profilaxia da alienação colonial: implicações do pensamento filosófico de Frantz Fanon para a psicanálise*, de autoria do mesmo escritor deste artigo, muito do que se deu enquanto aprofundamento e discussão ficaram restritos ao escrito original, como a discussão sobre sociogênese, que é configurada na tríade conceitual, mas demanda uma discussão aprofundada de forma isolada.

## Referências

ARAÚJO, Guilbert; CHESMAN, Demetrius. A inauguração da modernidade pela violência: crítica à noção de modernidade em Benjamin a partir da fissura colonial. *Cadernos Walter Benjamin*, n. 30, p.18-28, 2023.

CHERKI, Alice. *Frantz Fanon: um retrato*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2022.

FANON, Frantz. *Sociologie d'une révolution – l'an V de la Révolution Algérienne*. Paris: François, Maspero, 1968.

———. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

———. *Œuvre: Avant-propos de la Fondation Frantz Fanon*. Paris: La Découverte, 2011.

———. Racismo e cultura. *Revista Convergência Crítica*, v. 13, p. 78-90, 2018.

———. *O olho se afoga/Mãos Paralelas: Teatro filosófico*. Salvador: Segundo Selo, 2020a.

———. *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. São Paulo: Ubu Editora, 2020b.

———. *Escritos políticos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021a.

———. *Por uma revolução africana: textos políticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021b.

———. *Os condenados da terra*. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2022.

FANON, Joby. *Frantz Fanon, My brother: doctor, playwright, revolutionary*. Lanham: Lexington Books, 2014.

FAUSTINO, Deivison. *Frantz Fanon: um revolucionário particularmente negro*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

———. *Frantz Fanon e as encruzilhadas: Teoria, política e subjetividade, um guia para compreender Fanon*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

GEISMAR, Peter. *Frantz Fanon: a critical study*. Londres: Wildwood House, 1973.

GORDON, Lewis R. *What Fanon said: A philosophical introduction to his life and thought*. New York: Fordham University Press, 2015.

HENRY, Paget. *Caliban's Reason: Introducing Afro-Caribbean Philosophy*. New York: Routledge, 2000.



JESUS, Alexandro. *Notas sobre a atualidade da ferida colonial*. Recife: Titivillus, 2022

LUKÁCS, György. *Para uma ontologia do ser social II*. Tradução de Nélio Schneider, Ivo Tonet e Ronaldo Vielmi Fortes. São Paulo: Boitempo, 2013.

MACEY, David. *Frantz Fanon: a life*. London: Granta Books, 2000.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.